N.º 22 Ovar—Domingo 19 de Dezembro de 1886 1.º anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs.

Economias

O problema que hoje mais nos assoberba é o equilibrio da despeza com a receita, o meio de extinguir o *deficit* crescente, renitente, fugidio que se escapa a todos os medicamentos dos nebellosos expedientes financeiros.

Arrastados pela febre dos melhoramentos materiaes, sugado o thesouro por continuas guerras civis e pronunciamentos militares, foi-nos necessario contrahir dividas onerosissimas, sem que ao menos possuissemos os redditos sufficientes para lhes pagarmos os encargos.

Pensava-se então em que innundado o paiz com dinheiro extrangeiro, animadas as industrias pela facilidade da circulação, a riqueza nacional accusaria um augmento progressivo e portanto as receitas cresceriam proporcionalmente.

O principio—a que ao augmento de capital empregado corresponderia o augmento progressivo de riqueza—falhou; e por isso ao passo que os encargos da divida sobem d'um modo verdadeiramente assustador, as receitas ficam estacionarias ou decrescem ainda.

As pautas não mostram que as receitas cresçam proporcionalmente, emquanto que os orçamentos accusam um *deficit* que é necessario cobrir com novos emprestimos.

Vivendo de emprestimos excessivos, é necessario lançar impostos. A medecina caseira tem-se reduzido a empregar este expediente. A um imposto succede um emprestimo—como a um emprestimo succede um imposto—e n'este circulo vicioso temos vivido ha já muito, resultando d'isto um maior aggravamento das forças tributarias do paiz, sem que a divida publica tenha deixado de augmentar.

Sem esperanças de que a materia collectavel augmente para solver os encargos—porque a experiencia de largos annos nos tem demonstrado esta verdade—era necessario lançar mão d'outro meio ainda que energico, ainda que offensivo do largo viver de muitos á sombra do orçamento—*economias* nas despezas; *moralidade* na administração dos dinheiros publicos.

Moralidade e *economias* tinha sido em 1870 o programma do partido reformista, presidido pelo honrado e economico Bispo de Viseu ao subir ao poder. Mas essas palavras hoje nullas e sem significação alguma, tiveram então realidade pratica. Os reformistas, conservadores por necessidade, poseram um dique ás despezas enormes que se effectuavam, introduziram o principio da moralidade em todos os ramos da governação publica. Por isso mesmo cahiram, por isso a chusma dos empregados, dos que vivem á sombra do orçamento, levantou enorme grita contra os audazes lutadores que queriam d'uma só vez quebrar a tradicção do esbanjamento, reduzir aos seus justos limites o funccionalismo parasita.

Moralidade e *economias* não eram então palavras occas, vasias de sentido. O funccionalismo que se acotovelava nas secretarias, onde empregos rendosos faziam d'elles burocratas impertinentes, gozando grandes ordemnados sem sacrificio; soffreram as consequencias naturaes do programma que passou alem de palavras armando ao effeito.

Desilludido de augmentar a materia collectavel para acudir ao pagamento dos encargos da divida, o partido reformista encarara a questão pelo lado das economias, pretendera salvar o paiz reduzindo as despezas.

Novos ministerios se succederam, novos partidos governaram e o impulso dado pelos reformistas ao regimen das economias foi posto de parte como inutil ou antes como prejudicial ao desenvolvimento das politicas governamentaes.

E' que a classe dos funccionarios publicos é numerosa, é exijente. Quasi se pode dizer—metade de Portugal trabalha para outra metade que viver empregos.

Este anno subiu ao poder o partido progressista. No seu programma, como no do partido reformista, inscreveram-se essas duas palavras—*moralidade* e *economias*. Alguns mezes de governo tem demonstrado a differença que vae d'um ao outro partido.

Em vez de hoje se attacarem bem fundo as despezas extravagantes que se fazem: reduzir os empregados das primeiras secretarias aos strictamente necessarios, introduzir o principio da moralidade em todos os ramos d'administracção, vemos precisamente o contrario.

O governo somente occupado em montar a machina, para que os diversos logares sejam occupados por pessoas da confiança do seu partido, nomeia, transfere, demitte, aposenta com gordos ordemnados, os empregados.

Como nos antigos partidos revolucionarios, o partido progressista, expulso de governo ha bastantes annos, traz apoz de si uma clientella esfaimada á espera de collocação.

Por isso as economias apregoados não se podem affectuar, a reducção dos empregos superabundantes não se pode fazer.

Em vez de suppressões justissimas fazem-se aposentações para que nos logares estejam os apaniguados que em tempo d'eleicções prestam serviços á causa.

Visto que o partido progressista não tem força para realisar as economias necessarias para elquilibrar a receita com a despeza, segue-se naturalmente que hade contrahir, como contrahiu já, emprestimos para supprir os impostos, e depois impostos para supprir os emprestimos.

E entretanto o seu programma pomposamente vago não passará do papel.

POLITICA CONCELHIA

Do «Correio da Manhã» transcrevemos a carta do snr. dr. Manoel d'Oliveira Aralla e Costa, onde s. ex.ª responde a um artigo do «Diario Popular». Essa carta confirma tudo quanto temos escripto a respeito dos selvagens que se teem sacrificado a si e á terra que lhes foi berço.

E' preciso levantarmos um prosteto vehemente para que lá fora se não pense que Ovar communga dos actos vergonhosos da *troupe:* é preciso que deixemos a honra dos feitos somente a quem os praticou.

Segue a carta:

Sr. reductor.— Por um velho amigo meu tive conhecimento do que escreveu o *Diario Popular* de 4 do corrente, em artigo de fundo, a proposito de Ovar; e porque entendo que a historia das eleições de Ovar no anno de 1886 e dos attentados e crimes de toda a ordem, aqui commettidos, deve ser feita por fórma que se liquidem bem toda as responsabilidades, não querendo furtar-me ás que me couber, e que o sr. ministro da fazenda, Marianno de Carvalho, não é competente para fazer esta historia a seu modo e feitio com o direito de me julgar em ultima instancia, vou rogar-lhe o favor de me consentir que por meio do seu distincto jornal, e por esta vez, diga o seguinte:

O patibulo de que fallei em parenthesis na carta que escrevi aos meus amigos no jornal *Districto de Aveiro*, foi hasteado no dia 13 de novembro em frente dos Paços do Concelho; no dia 14 *resou-se* uma missa na capella de Santo Antonio, que ahi fica proxima; fizeram-ss *pregões*, espalharam-se *cartazes* com o testamento e crimes do *justiçado*; seguio-se a *execução* tiros de clavina e revolweres, foguetes, bombas e musica com todas as expansões de alegria da turba que lhe assistia; arrastaram-se os restos do *justiçado*, aos quaes se deu *enterro* com canticos de morte, acompanhados de musica em *marcha funebre*. Este patibulo esteve hasteado até ao dia 20: no dia 21 appareceu *preparado* com a effige do *justiçado* no dia 14, *resuscitado* no dia 21 e das de mais tres cidadãos, com disticos allusivos a cada umd'elles, e repetiu-se a *execução* do dia 14, mais accrescentada e augmentada.

Todos estes actos foram assistidos e dirigidos pelas auctoridades administrativas, seus correligionarios e sequazes, e de força militar, bem como o foram os attentados e crimes dos dias 17 e 24 de outubro, 7 e seguintes de novembro, em cumprimento de compromisso publico feito com o sr, desembargador Francisco Mattoso, irmão mais velho do sr. presidente do conselho e ministro do reino, de vencer aqui as eleições, *fosse como fosse, custasse o que custasse*, e eram o complemento e remate do plano ha muito traçado e *decretado* pelo snr. desembargador Francisco Mattoso, protector em tudo e para tudo, inspirador, director e chefe supremo dos seus confrades e correligionarios de Ovar, sem embargo de me ter assegurado muito expontaneamente e para descargo da sua consciencia, nos dias 9 e 11 de julho de 1885, no corredor na camara dos pares e na dos deputados «que nada tinha nem podia ter com os meus adversarios, dos quaes stygmatisou o proceder até ao ponto de se envergonhar d'elles!»

E não pareça isto estranho: conheço o senhor desembargador Francisco Mattoso, bem como o seu irmão o senhor presidente de conselho e ministro do reino, desde os bancos da Universidade e pertencemos ao mesmo distrito: admiro ha muito tempo os seus merecimentos e valor.

Nunca cultivei antes sempre tive aversão á pyrotechnia, e cheguei a esta edade sem ter incendiado sequer uma bomba chineza. Desde que vi um bacharel formado em direito distinguir-se n'este officio e por tal forma que tentou incendiar-me a casa com bombas de dynamite (tentativa que não levou á execução porque foi *pressentido*) a minha aversão a tal officio cresceu e protestei morrer assim, não obstante o bacharel por estes e outros feitos eguaes ser nomeado depois administrador do conceiho de Ovar e ultimamente delegado do procurador regio pelo governo de que faz parte o senhor ministro da fazenda, e saber que o sr. Marianno de Carvalho é um distinctissimo amador de pyrotechnia.

Mas tive a *audacia* (escreve-se) para mandar deitar bombas de dynamite para casa do juiz de direito, como tive a *audacia* para mandar roubar os cadernos do recenseamento eleitoral nas assembléas eleitoraes—destruir o encanamento das aguas e chafarizes, a illuminação publica, os pinhaes municipaes, as vidraças e janellas de dezenas de cidadãos—como ainda tive a *audacia* para mandar espancar e ferir grave e cruelmente muitos outros cidadãos inermes e pacificos e até mulheres, e para converter esta terra na mais desenfreada anarchia, onde se desacatam todas as leis e proprio juiz de direito no tribunal e fóra d'elle.

Depois d'isto, que não é tudo, o patibulo, que se levantou em frente dos paços municipaes no dia 13, que esteve hasteado até ao dia 22, e que funccionou uma e mais vezes com todo o ritual de antigas e ominosas eras, confesso, apezar da minha aversão á pyrotechnia e do horror que sempre me inspiraram os patibulos e tudo o que é *patibular*, não foi castigo condigno nem dos povos de Ovar opprimidos e vexados todos e muito menos para o *tyrannete* de que se libertaram.

Ovar, 11 de dezembro de 1886.

Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

AS CONSEQUENCIAS

Depois de termos exposto os factos criminosos, perpretados á sombra da politica, é justo tirar-lhes as naturaes consequencias, quando ainda novos attentados as vem confirmar.

Dizer-se que desde o primeiro attaque periclita a segurança individual, que os arruaceiros perderam a nação do brio e da dignidade pessoal, pondo a consciencia em almoeda prompta á voz do primeiro que a queria comprar—será superflo.

As consequencias naturaes de todos os feitos *gloriosos* que tiveram por prologo a reunião do centro limonada: por acção, as arruaças e espancamentos: e por epilogo, as forcas com uma cohorte de tentativas de assassinatos; eram a falta de respeito a tudo, desde a lei aos cidadãos: eram crear criminosos em vez de cavalheiros prestantes e honrados: eram lançar no caminho do roubo e de toda a casta de crimes, artistas, que, outr'ora honrados, se deixaram levar pelo vinho que os cabeças distribuiram e pelo dinheiro que espalharam.

Provas? eil-as.

Já por duas vezes, no tribunal judicial d'esta comarca se praticaram attentados monstruosos contra a vida e direitos dos cidadãos. Em pleno tribunal, uma vez quando presidiu o ex.mo snr. Francisco Barbosa de Quadros e outra quando presidia o ex.mo snr. dr. Christovam da Cunha Brochado, foram ameaçadas as testemunha que, iam depôr em duas causas civis, e uma d'ellas teve de fugir sem depor com médo de ser victima.

Quando vão para depor testemunhas em causas crimes, sendo reu algum dos da *troupe*, são ameaçadas em suas casas para não deporem a verdade.

Estamos pois no reinado da anarchia, no reinado do crime.

Nem o tribunal judicial é azilo seguro porque lá mesmo imperam os espencamentos.

Pode-se dizer que um juiz tem assim a independencia precisa para proferir—sentenças? Não irão amanhã os arruaceiros espancar na propria cadeira o magistrado que se atrever a proferir sentença condenatoria contra os do bando, incriminados por tantos feitos, incursos nas penas da lei?

A consequencia mais nefasta de todos os crimes mandados praticar pelos *cabeças* limonadas é a falta de garantias não só da vida como tambem da propriedade dos cidadãos.

Os apupos; as arruaças feitas a toda a hora são tantas que nin-

guem as extranha. Roubos já appareceram alguns, roubos e crimes alem dos *mandados* já appareceram e ha esperanças de que as auctoridades os não reprimam por não terem força.

Que elles são criminosos, que elles são vendidos, os arruaceiros, demonstram-no elles mesmos.

Só apparecem juntos, cercados uns pelos outros como que a temer sempre um inimigo que pode apparecer d'um momento para o outro.

E' que a consciencia accusa-os, é que veem o despreso com que hoje são tratados pelos que os arremessaram para a senda do crime, e o rancor com que são olhados pelo povo que os odeia como odeia todos os criminosos.

Esfomeados, porque perderam o habito do trabalho digno e honroso, pedem empregos na camara, como se todas as receitas municipaes chegassem para satisfazer a fome dos *cabeças*.

Elles são muitos e accossados pela fome, expulsos de todas as casas que não querem sustentar vadios, vão pedindo emprestado ao passo que levantam a guerra entre si por causa do emprego de guarda da Estrumada, do de mestre d'obras da camara.

Nem o medo os deve atemorisar porque ainda não chegou o dia das represalias; nem os empregos lhes devem chegar porque são muitos. Por isso escusam de andar em malta, por isso escusam de guerrear uns com os outros.

Os *cabeças* hão-de querer poucos empregos, porque tambem em muita fome e gastaram muito dinheiro nas eleições: os *cabeças* hão de — odiar a turba porque já não precisam d'ella.

E nós olhando aborrecidamente essa comedia torpe em que os limonadas se guerream a ver quem ficará com o melhor bocado da presa municipal, iremos tirando as legitimas consequencias dos actos vandalicos que tiveram por prologo a reunião do centro limonada, por acção arruaças e espancamentos, e por epilogo as forcas com uma cohorte de tentativas de assassinatos.

Tomemos posição para observar melhor a lucta da farandulagem criminosa por instincto, grupo criminoso por hereditariedade.

AS FORCAS

Alguns jornaes do governo procuram tirar aos accontecimentos de que esta infeliz villa foi theatro, a importancia. Incommodou-os a narração das forcas, porque ellas representaram a baixeza dos sentimentos que animam os seus correligionarios politicos.

Por mais que barafustem, por mais que queiram desfazer impressão dolorosa que as forcas e outros attentados crimes deixaram na memoria do povo, principalmente do d'esta terra, será impossivel.

Antes que as forcas fossem levantadas, mandaram os *cabeças* limonadas resar uma missa de *requiem* na capella de Santo Antonio: antes que as forcas fossem levantadas, os arruaceiros invadiram as casas dos cidadãos espancando quem encontravam: antes que as forcas fossem levantadas, despedaçaram os candieiros da iluminação publica: antes que as forças fossem levantadss arrombaram a canalisação das aguas dos chafarizes municipaes: antes que as forcas fossem levantadas insultaram, apuparam os cidadãos pacificos. Depois que as forcas foram levantadas invadiram as casas dos cidadãos, fizeram tentativas de homicidios, arruaçaram como d'antes, attacaram no tribunal testemunhas que iam depor em causas civis.

Portanto as forcas tiveram antecedentes e consequentes que denunciaram bem ao vivo o espirito malevolo dos limonadas senhores de campo: as forcas, com as tentativas de homicidio, representam o *non plus ultra* do arranjo, do cynismo e da desmoralisação a que chegaram os agentes das auctoridades.

Podem os jornaes do governo inverter os factos, omittir circumstancias essenciaes, podem forjar mentiras, mas o que não conseguem, é desarraigar da memoria do povo esses tristissimos acontecimentos que vieram dar a medida do genio e aspirações dos *politicos* que á sombra das auctoridades, coadjuvados por ellas, pretenderam vingar-se de antigas offensas particulares

Tudo nos indica que as forcas não foram uma nova palhaçada para divertir os socios. O seu fim está bem determinado pelos antecedentes, coroborado pelos consequentes.

E' inutil pois illidir as responsabilidades que cabem aos agentes do governo, se agentes se podem chamar aos ebrios e vadios que atropelaram a lei, o bom senso e a propria dignidade.

E a prova mais concludente, mais frisante de que as forcas representaram um attaque directo não só a alguns cidadãos como a uma villa inteira, é o quererem todos os limonadas um por um, mostrar que não tiveram parte n'ellas. Empurram uns para os outros a gloria do feito, fazendo recahir o odioso sobre *cabeças* que os impelliram para o caminho do crime e da deshonra.

Os agentes directos que prepretaram esse crime, dizem que foram mandados, e os que mandaram, arrependem-se, mas como o arrependimento não cura o mal, como a nodoa está lançada, só um castigo severo exemplar, a pode apagar da memoria de todos: esse castigo ha-de vir quando chegar o dia das represalias; e então...

Ai dos carrascos que vitimaram uma villa inteira!

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O limonada e o cabrito—Placo II, rei de facto: Berlengas, rei de direito—Por montes e valles á procura de substituto—Por causa da palha.

Em todas as manifestações d'actividade intellectual do limonada apparece sempre o cabrito com o factor essencial para a sua vida politica. O cabrito é a alma de todo o movimento popular, o cabrito é o meio convincente que arrasta á lucta as multidões sedentas de vingança. E, principalmente, quando bem apimentado, nadando em molho olorante, o cabrito pucha a pinga e a opinião politica.

Foi sobre o cabrito que o limonada, o typo caracteristico das arruaças, jurou vingança, jurou fartar com o dinheiro do cofre municipal os que então mandavam arranjar ao Pastor as comesainas.

A politica limonada principiou por um cabrito comido no Carregal. Eram poucos os que o attacavam denodadamente cheios de fome e d'opiniões. Placo II mandara-o assar para vêr se os seus poucos partidarios, uns 4 ou 5, eram bem firmes. Ficou contente com a prova. D'ahi a pouco o numero augmentou, e ja um cabrito não chegava.

O cabrito ficou assim sendo o distico, a arma de combate do grupo, assim como o *comer* ficou sendo o alvo a que mirava a sua politica.

E por isso se vê que em todos os actos politicos, em todas as manifestações actividade do grupo limonada apparece o cabrito como factor essencial.

O limonada é o cabrito assado, polvilhado de pimenta, nadando em molho olorante, regado de bastante pinga.

Elles são dois, ambos cabeças, ambos Quichotes. Um eleito pomposamente e o outro ganhando o penacho por meio de cabritos. Um bandeira, alvo, em que batem os tiros: outro mandante encoberto pelo testa de ferro. Um mirando a vinganças e a dinheiro: o outro a empregos rendosos em qualquer secretaria. Um de sorrisos amarellos, odientos, denunciando-se deante das forcas que mandara levantar: o outro inchado, apertando a cabeça nos hombros, cheio de basofia, descompondo os partidarios sobre os quaes quer governar despoticamente. Um assignando tudo, sujeitando-se a servir de testa de ferro: o outro impondo-se, mandando fazer arruacas. Um chamando amigo, parente, para ver se sacca o dinheiro do *bolsa*: o outro arrogante, tratando todos por burros, obrigando-os contra vontade a largar o dinheiro para os arruaceiros de que é chefe por vocação. Um comprando hymnos, a elle dedicados, por 300 reis: o outro ganhando com a politica, sugando aos correligionarios dinheiro para fazer figura. Um cabisbaixo, mono, deixa vêr no rosto os remorsos: o outro embofia, nullo, sem intelligencia, estupido como uma porta, não comprehende o alcance dos seus actos. Por isso um chora, emquanto o outro ri; por isso um fica sem vintem, emquanto o outro se enche com os empregos; por isso um acceita, emquanto o outro dá; por isso um é *rei* de facto emquanto o outro é *rei* de direito; por isso um aguenta as asneiras do outro; por isso um se safa emquanto tem tempo e o outro ha-de ficar a soffrer as consequencias das forcas.

Placo, *rei* de facto: Berlengas, *réi* de direito.

Evidentemente, Placo II desistira de ter por substituto o cavallorio avermelhado. Não havia duvida, a gente do cenaculo era uma serie de burros, bem, dizia elle já de ha muito.

Resolveram arranjar um substituto, não queriam o cavallorio. Bateram a uma porta, e a voz pausada, toda doçuras do moço que no *cenaculo* tinha injuriado e infamado pessoas que lá não estavam, viera dizer—não pode ser meus senhores, então querem que eu desça de delegado a substituto, ora deixem-se d'isso.

Um dos da *troupe* tinha feito papeis grotescos, vergonhosissimos, e agora moço *orador* não estava para isso. Tolo um e bastou.

Depois os limonadas foram batendo de porta em porta, obtendo sempre a mesma resposta.

A commissão do pedido foi-se pouco e pouco dissolvendo de modo que quando chegou la ao longe, muito ao longe ia só o *homem da palha*, o moderno politico, cheio de dores.

Era realmente o assumpto da palha que o trazia alli atarantado á procura do substituto, um substituto que lhe garantisse um fornecimento maior.

Mas nem um, nem um só respondeu ao apello do desgraçado homem da palha.

E por isso elle ia por montes e valles a ver se arranjava um substituto que se podesse emparceirar com o Placo II.

Grosso destacamento de cavallaria viera assentar os seus arraiaes de combate, entre um povo que se entretinha a esfoguetear-se com bombas chinezas.

Por toda a parte o negocio se levanta disputando o mercado, e apezar d'isso ahi ninguem disputou o fornecimento da palha e das favas ao moderno Pangslos Elle lá ia indo.

Mas uma ordem superior, terminante, mandava marchar o aguerrido destacamento que sem inimigos a vencer fazia do povileu uma pequena Capua O destacamento marchou e o *homen da palha* arreliado, enfurecido, protestou vingar-se. E isto porque ficara alguma palha e bastantes favas que o negociante queria impingir por um preço exhorbitante.

D'alem acenaram-lhe com um novo destacamento e elle, a correr, lá foi ganhar os cobres: E por causa da palha la foi o homem.

Tem aqui rigorosa applicação o dito—quom te conhecer que te compre, porque verá a prenda que leva.

Novidades

Rectificações. — Os numerosos erros que escapam á revisão do nosso jornal vão-se estendendo ao ponto de omittir palavras e até nomes completos. Assim no artigo *Um crime* no periodo que principia *Nós pomos acima de tudo a probidade e a insenção completa dos dous facultativos*... omittiu o nome do ex.mo snr. dr. João José da Silveira. No Protesto que publicamos não vem a assignatura por completo que é Manoel José Soares dos Reis. Estes são os principaes. Os outros, a intelligencia dos nossos bondosos assignantes, supprirá.

Delegado. — Chegou segunda feira a esta villa, o novo delegado do procurador regio, o snr. dr. Manoel Nunes da Silva que fora transferido ainda ha poucos dias de Caminha. S. Ex.a Tomou posse na terça feira.

Temos emfim um delegado, quer dizer um cavalheiro responsavel pelos actos que praticar no exercicio d'um cargo que lhe foi confiado.

Até agora ou á mercê do sr. dr. Ignacio José Monteiro, um delegado que fazia tudo quanto lhe mandavam meia duzia de politicos, tendo á sua frente o escrivão Ribeiro: ou á mercé do snr. dr. Christovam Coelho, um bom rapaz, mas sem força para se oppor aos mandados dos mesmos politicos como provam milhares de factos e entre elles um celebre processo por falta de sello competente n'uma participação que ninguem sabe se lhe foi entregne ou elle a achou em qualquer canto, viamos caminhar tudo na mais completa desordem, viamos os desordeiros entrarem pelo tribunal dentro e ameaçar as testemunhas sem medo de que o agente do ministerio publico procedesse contra elles.

Os politicos á sombra d'estes dois delgados prommettiam tudo, compromettiam-se a abafar os processos de policia correcional, e as partes confiavam n'aquelfas promessas porque pensavam, se não sabiam, que os delgados eram uns servos d'estes politicos.

Tanto o snr. dr. Ignacio José Monteiro como o snr. Christovão eram apenas delegados *in nomisse*.

O primeiro quando principiaram a attacal-o fugiu para a sua aldeia pedindo successivas licencas até ser transferido; o segundo, como substituto pouco lhe importava que o verberassem.

Por isso os processos crimes pararam, e os criminosos folgavam julgando os seus processos abafados.

Agora que Ovar tem já um delegado que dotado de intelligencia se não deixa facilmente dominar pela turba dos energume nos è de suppor que o crime seja punido e que o tribunal seja respeitado.

Esperemos que os factos venham confirmar as nosssas previsões.

Boatos. — *Dizem* que os limonadas não querem pagar á musica que tocou nos dias da festa feita em honra de S. Berlengas, advogado das eleições roubadas a cacete. Dizem elles que alguns socios da philarmonica não querem receber dinheiro e foram esses que tocaram de boa vontade, e que os outros, se o exigirem, levarão pancada.

E foi para isto que elles andaram a mendigar pelas portas, a tirar dinheiro do bolso dos cidadãos, como o Limonada de ha 7 annos andava a roubar do bolso dos ditos dinheiro na feira de gado suino que se costuma realisar no Largo dos Campos.

Não lhe parece qne ha semelhança entre os primeiros e o segundo?

Pagai á musica limonadas!...

— Os fogueteiros, dizem, andam de casá d'Annaz para casa de Caifaz, isto é, da casa do novo administrador e d'este para casa do ex-caixeiro e ex primeiro-substituto de vereador, pedindo que se lhes pague a importancia dos foguetes. Cada um dá as desculpas que pode e, a respeito de dinheiro nada,

Parece que estão á espera do dinheiro do municipio,

Pagai aos foguetelros, limonadas!...

Chegada. — Chegou a Oliveira d'Azemeis vindo do estrangeiro o nosso distincto amigo ex.mo snr. Bernardo Augusto da Costa Bastos filho do ex.mo snr. Bernardo da Costa Basto importante industrial proprietario da fabrica de lanificios do Caima.

Hoje ao voltar á sua terra natal que um apertado abraço ihe recorde a intima camaradagem collegial que nos ligou durante os primeiros annos da vida academica.

Que bom patusco! — Foi preso no Rio de Janeiro um individno da freguezia de Vallega por alli ter casado, tendo ainda a primeira mulher viva em Portugal.

Ha por ahi tanto homem que vive afflicto com uma mulher, e este então queria duas, uma para quanto estivesse no Rio, outra para quando viesse á terra.

Vastos projectos. — Na mente dos nossos futuros senadores revoluteam-se grandes projectos de melhoramentos. Vamos já dando alguns para amostra, e calculem por estes o resto.

Destruir a alameda dos Campos para dar vista ás casas que ficam do lado direito á capella. Arranginho para um certo individuo que prometteu pagar este beneficio por 600:000 reis. Não se sabe ainda quem os embolsará.

Demolir o chafariz que fica proximo á praça da hortaliça. Não se diz por ora com que fim se fará isto, nem tão pouco onde sera reconstruido.

Abrir uma estrada para a Marinha, não em direitura ao centro do lugar, mas dando grande volta afim de aproveitar a uma quinta de certo vereador.

Abrir uma estrada em Esmoriz, que sem utilidade para os seus habitantes faz arranjo a certo influente.

Fazer um vasto jardim proximo ás Pontes da Graça. Este projecto é d'um ex-caixeiro e ex-primeiro-substituto de vereador.

Etc, etc, etc. Tudo por este jmesmo gosto.

Quasi estavamos a dizer que d'este embroglio d'arranjinhos sempre ha-de sahir dinheiro para pagar á musica.

Charivari. — Recebemos o n.° 4 e 5 d'este interessante semanario portuense.

Assigna-se na rua de Santo Ildefonso n.° 17, 2.°—Porto.

Tempo. — Estes ultimos dias a nossa villa tem sido açoutada por violentos furacões e grossas chuvas.

Correspondencia. — Ao snr. Caranguejo I. D'esta vez não podemos acceder ao seu pedido. Mande primeiro o nome na carta a ver se conhecemos e depois... Os *Traços do novo presidente* não se harmonisam bem e precisam de mais alguma correção. Para a outra vez terá entrada se attender á primeira recommendação.

Os selvagens. — Elles não cessam um momento de praticar crimes. Ainda não teem uns feitos e já estão a pensar em outros.

Domingo já de noute os *taes*, porque são sempre os *taes*, dispararam um tiro contra uma janella da casa do nosso amigo snr. Francisco d'Oliveira Ramos, ourives, do Largo do Chafariz. A balla atravessando a vidraça e a porta da a nella foi cahir na sala.

Ainda não ha muitos dias que o snr. Francisco d'Oliveira Ramos foi victima dos *taes* que lhe despedaçaram os vidros de todas as janellas, agora resolvem-se a attacal-o a tiro.

O limonada de ha 7 annos era bem menos selvagem do que os limonadas d'hoje.

Como elles se avaliam! — O *papel* dizia domingo que as eleições parochiaes de Vallega foram perturbadas *por garotos que* quizeram armar desordens.

Ora e preciso dizer-se que a opposição se abstivera de ir á urna e ficara no campo somente os amigos das auctoridades.

Estes dividiram-se em dous grupos: um que queria para presidente da Junta o snr. Manoel d'Oliveira Valente; outro que queria não sabemos quem. A lucta portanto travou-se entre estes dous grupos e foram, cremos os d'este ultimo grupo que promoveram a desordem para ver se inutilisavam a eleição.

Alli não havia *garotos*, porque tinham ficado todos em Ovar para promoverem os espancamentos a que já no numero antecedente nos referimos, mas como os limonadas de *papel* estão acostumados a avaliar os seus correlegionarios das freguezias por os d'Ovar, foram chamando *garotos* aos de Vallega.

Avaliam-se bem!

LISBOA

Não lhes venho hoje fallar dos festejos do 1.° de dezembro. Os jornaes de todos os matizes politicos encheram bastantes columnas com a descripção, elogiaram a boa ordem, troçaram alguns ridiculos, porque em tudo ha ridiculos, ainda nos actos mais serios.

Os festejos passaram, resta saber o que significam hoje.

Quando Portugal foi conquistado pela Hespanha, a poderosa Hespanha dos Fillipes, as condicções dos dois povos eram totalmente differentes. Ao poderio d'um correspondia o enfraquecimento, a cachexia do outro: rico um, pobre o outro: civilisações oppostas, costumes antagonicos, heterogeneos.

Por isso a usurpação fez-se o dominio com todas as suas consequencias más estabeleceu-se: as ambições desordemnadas dos vencedores imposeram um jugo forçado, violento aos vencidos.

D'ahi provieram os odios, as invejas, os rancores e a estes corresponderam as oppressões. Portugal debil, enfraquecido pelas constantes guerras, depauperado apesar das enormes riquezas que tinham vindo da Azia, enervado pelo luxo, fanatisado pelos padres, intriguista pela Inquisição, tinha perdido a noção de nacionalidade. precisava retemperar-se na lucta.

Estabeleceu-se o antagonismo entre as nações, cavou-se a valla do odio, da vingança. Iam-se ferindo os interesses e era assim que o Portugal beato, o Portugal do Cardeal D. Henrique se sacudia n'uns estermecimentos nervosos.

Foi no 1.° de dezembro que se levantou a reacção contra os dominadores que não tiveram a sciencia precisa para comprar a consciencia da nobreza porque toda ella se vendia.

O dia 1 de dezembro representava então o termo das oppressões.

E hoje? hoje desappareceram os odios que nos affastavam dos nossos visinhos, hoje ha entre nós uma communidade de interesses de aspirações, de progresso.

Pertencemos á mesma raça, ligam-nos costumes identicos, lingua semelhante; portanto não ha razão alguma para semelhantes arruidos, para festejos tão bulhentos que apenas podem fazer arrancar aos nossos visinhos um sorriso de desdem.

*

Foi apresentado o projecto de melhoramento do porto de Lisboa.

E' um bom melhoramento que importa directamente ao commercio de Lisboa e ao bem de todo o paiz.

Este malfadado projecto já tem creado bastantes difficuldades aos gabinetes qne d'elle se tem occupado.

Como sabem, tendo sido os engenheiros e casas constructoras convidados a apresentar um projecto premiando-se o que se julgasse mais conforme, o snr. ministro das obras publicas regeitou-os todos e incumbiu uma commissão de o elaborar. A essa commissão pertenceu o snr. João Chrisosthomo d'Abreu e Souza que acaba de desempenhar-se d'este serviço com toda a hombridade e sciencia.

Depois que entramos no caminho dos melhoramentos materiaes de todos os lados do paiz apparecem reclamações pedindo obras de bastante custo. Ainda não estão concluidas as obras do porto de Leixões reclamado pelo Porto, já agora se vae principiar com a monumental obra do porto de Lisboa.

Mas como as vantagens, que se auferem de semelhantes obras, são palpaveis ninguem reclama.

*

Esteve imponente a conferencia dos exploradores africanos, Serpa Pinto e Cardoso, realisada no theatro de S. Carlos.

Abriu a sessão em nome d'el-rei o snr. Barros Gomes, e encerrou-a com um brilhante discurso o snr. Antonio Augusto Aguiar.

El-rei agraciou com commendas os dous exploradores, preferindo algumas palavras de louvor.

*

Estamos em epocha d'accordos. Diz-se que os progressistas tratam de fazer um accordo com os regeneradores para as proximas eleições de deputados.

Dá-se como certo que o governo não disputava as minorias e as accumulações.

Com estes accordos o que se aproveita? Fazer guerra aos republicanos e mais nada.

Se isto convem ao snr. D. Luiz!

M. C.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATAÇÃO
DE
CASA DE ESCOLA

A junta de parochia da freguezia de Vallega, concelho d'Ovar, faz publico que no dia 26 do corrente mez pelas 2 horas da tarde, e no local da Egreja se arrematará a Casa de Escola para o sexo masculino e casa para habitação do professor d'esta freguezia.

A base de lecitação é de 2:850$000 reis. São prevenidos todos os interessados de que ninguem poderá lecitar sem que façam no cofre d'esta Junta o depozito provisorio de 3 por cento sobre a base de licitação.

Esse depozito será de 5 por cento para ajudicação.

A planta das referidas casas e cadernos de encargos e todas as mais condições estão patentes na mão do secretario d'esta Junta, todos os dias.

Vallega, 5 de Dezembro de 1886.

O Presidente,
José d'Oliveira Amaral.
36

ARREMATAÇÃO

No dia 19 do corrente pelo meio dia, á porta do tribunal d'esta comarca, por deliberação do conselho de familia no inventario de menores por obito de Rosa Clara Gomes, que foi da rua Velha d'esta Villa, voltam pela segunda vez á praça para serem arrematados a quem mais offerecer: Umas casas terreas, quintal, poço e mais pertenças, sitas na rua Velha, no valor de 150:000 rs. e uma terra lavradia sita em Corte de Boi, no valor de 200$ eis, ambas sitas n'esta Villar e são as mesmas a que se referem os editaes passados affixados em 5 de Novembro ultimo.

O producto da arrematação é livre para os menores das despezas da Praça e da contribuição de rigistro. Por estes são citados os credores incertos da inventareada para uzarem dos seus direitos e a credora certa Leocadia Clara Gomes, casada, da referida rua Velha mas residente fora da comarca, cujo credito na importancia de 22$500 rs. já foi approvado pelo conselho de familia.

Ovar, 6 de Dezembro de 1886.

Brochado.

O Escrivão
Antonio dos Santos Sobreira.
(39) 2

ARREMATAÇÃO

No dia 19 do corrente por meio dia e á porta do Tribunal da comarca, sito na Praça, d'esta villa, se ha-de proceder á arrematação de metade d'um pinhal, com pinheiros grados e miudos, sito no logar da Relva, freguezia de São Vicente, d'esta comarca, denominado o «Agro,» allodial, indo á praça no valor de 290:000 reis no inventario de menores, a que se procedeu por obito de Custodia Maria d'Oliveira, d'aquele logar e freguezia, com declaração de que a contribuição de registro e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Ovar, 9 de Dezembro de 1886.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito,
Brochado.

O Escrivão
Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu.
1 (37)

ARREMATAÇÃO

No dia 9 de Janeiro de 1887, por meio dia e á porta do Tribunal da comarca, sito na Praça d'esta villa, se ha-de proceder á arrematação d'uma terra lavradia, chamada o Canto das Cavadas, sita no logar do Sobral, desta freguezia d'Ovar, allodial, que confronta do Norte com José da Silva Mouquinho e Sul com o Caminho das Cavadas, avaliada na quantia de 86:140 reis, no inventario de menores por obito de Thereza d'Oliveira, do mesmo logar e freguezia, com declaração de que a contribuição de registro e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Ovar, 13 de Dezembro de 1886.

Verifiquei
O juiz de direito,
Brochado.

O Escrivão
Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu.
1 (38)

ARREMATAÇÃO

No dia 9 de Janeiro proximo pelo meio dia, á porta do Tribunal judicial, sito na Praça d'Ovar e na execução de sentença que Antonio José Bernardes, casado, do logar da Cal, freguezia de Paramos, comarca da Feira, move contra Manoel Rodrigues dos Santos e mulher Margarida Corrêa de Oliveira, do logar do Casal, freguezia de Maceda, d'esta comarca, vai á praça para ser arrematada a quem mais offerecer:—Uma morada de casas terreas com duas repartições pegadas, quintal de terra lavradia e mais pertenças, sitas n'aquelle logar do Casal de Maceda, avaliada em 70$000 rs.

Por este são citados quaesquer credores incertos dos executados para usarem, querendo dos seus direitos.

Ovar 15 de dezembro de 1886.

Verifiquei,
Brochado.

O Escrivão,
Antonio dos Santos Sobreira.
(40) 1

ARREMATAÇÃO

No dia 9 de Janeiro proximo pelo meio dia, á porta do Tribunal judicial, sito na Praça d'Ovar e na execução hypothecaria que Thereza Duarte Pereira, solteira, do logar de Portovedo, ambos d'esta freguezia d'Ovar, vae á praça para ser arrematada a quem mais offerecer:—Uma casa terrea, cortinha de terra lavradia e mais pertenças, sitas n'aquelle logar Portovedo, avaliadas em 600$ rs.

Para assistirem á arrematação e doduzirem, querendo, os seus direitos, são sitados quaesquer credores incertos do executado.

Ovar 7 de dezembro de 1886.

Verifiquei,
Brochado.

O Escrivão,
Antonio dos Santos Sobreira.
(41) 1

ARREMATAÇÃO

No dia 9 de Janeiro proximo pelo meio dia, á porta do Tribunal judicial, sito na Praça d'Ovar e na execução hypo-